

Um regime de guerra global



Por MICHAEL HARDT & SANDRO MEZZADRA*

Está surgindo um regime de guerra global - no qual a governança e as administrações militares estão intimamente interligadas com as estruturas capitalistas

1.

Parece que entramos em um período de guerra sem fim, que se estende por todo o mundo e inquieta até mesmo os nós mais centrais do sistema mundial. Cada conflito contemporâneo tem sua própria genealogia e apostas, mas vale a pena dar um passo atrás para colocá-los em um quadro maior.

Nossa hipótese é que está surgindo um regime de guerra global - no qual a governança e as administrações militares estão intimamente interligadas com as estruturas capitalistas. Para compreender a dinâmica das guerras individuais e formular um projeto adequado de resistência, é necessário compreender os contornos desse regime.

Tanto a retórica quanto as práticas da guerra global mudaram drasticamente desde o início dos anos 2000, quando o “Estado pária” e o “Estado falido” eram conceitos-chave ideológicos pensados para explicar a eclosão de conflitos militares, que estavam, por definição, confinados à periferia. Isso pressupunha um sistema internacional de governança estável e eficaz, liderado pelos Estados-nação dominantes e pelas instituições globais.

Hoje, esse sistema está em crise e incapaz de manter a ordem. Conflitos armados, como os da Ucrânia e de Gaza, estão atraindo alguns dos atores mais poderosos no cenário internacional, convocando o espectro da escalada nuclear. A abordagem dos sistemas-mundo tem tipicamente visto tais rupturas como sinais de uma transição hegemônica. Foi assim que as Guerras Mundiais do século XX marcaram a mudança da hegemonia global britânica para a norte-americana. Mas, no contexto atual, a ruptura não pressagia nenhuma transferência de poder; o declínio da hegemonia norte-americana simplesmente inaugura um período em que a crise se tornou a norma.

Propomos o conceito de “regime de guerra” para apreender a natureza desse período. Isso pode ser visto, em primeiro lugar, na militarização da vida econômica e seu crescente alinhamento com as demandas de “segurança nacional”. Não só estão previstas mais despesas públicas para armamentos; o desenvolvimento econômico como um todo, como escreve Raúl Sánchez Cedillo, é cada vez mais moldado por lógicas militares e de segurança.

Os extraordinários avanços em inteligência artificial são em grande parte impulsionados por interesses militares e tecnologias para aplicações bélicas. Circuitos logísticos e infraestruturas estão igualmente se adaptando a conflitos armados e as operações militares. As fronteiras entre o econômico e o militar estão a tornar-se cada vez mais tênues. Em alguns setores econômicos, são indistintíveis.

a terra é redonda

O regime de guerra também é evidente na militarização do campo social. Às vezes, isso assume a forma explícita de suprimir a dissidência e se reunir em torno de uma bandeira. Mas também se manifesta em uma tentativa mais geral de reforçar a obediência à autoridade em múltiplos níveis sociais. As críticas feministas à militarização há muito destacam não apenas as formas tóxicas de masculinidade que ela mobiliza, mas também a influência distorcida das lógicas militares em todas as relações e conflitos sociais.

Várias figuras de direita – Jair Bolsonaro, Vladimir Putin, Rodrigo Duterte – fazem uma conexão clara entre seu etos militarista e seu apoio às hierarquias sociais. Mesmo quando isso não é externamente articulado, podemos observar a disseminação de um repertório político reacionário que combina militarismo com repressão social: reimpor hierarquias raciais e de gênero, atacar e excluir migrantes, proibir ou restringir o acesso ao aborto e minar os direitos de gays, lésbicas e trans, ao mesmo tempo em que muitas vezes invoca a ameaça de uma guerra civil iminente.

2.

O regime de guerra emergente também é visível no aparente paradoxo em relação aos contínuos fracassos das recentes campanhas de guerra hegemônicas. Há pelo menos meio século, os militares dos EUA, apesar de serem a força de combate mais luxuosamente financiada e tecnologicamente avançada do planeta, não fizeram nada além de perder guerras, do Vietnã ao Afeganistão e Iraque. O símbolo de tal fracasso é o helicóptero militar que transporta o último pessoal americano restante, deixando uma paisagem devastada em seu rastro.

Por que uma máquina de guerra tão poderosa continua falhando? Uma resposta óbvia é que os Estados Unidos não são mais aquela hegemonia imperialista que alguns ainda acreditam que seja. No entanto, essa dinâmica de fracasso também revela a estrutura de poder global abrangente que tais conflitos ajudam a sustentar. Aqui vale lembrar a obra de Michel Foucault sobre os fracassos perpétuos da prisão em cumprir seus objetivos declarados. Desde a sua criação, observa, o sistema penitenciário, ostensivamente dedicado a corrigir e transformar condutas criminosas, tem feito repetidamente o contrário: aumentando a reincidência, transformando infratores em delinquentes e assim por diante.

“Talvez”, sugere, “deve-se reverter o problema e perguntar-se a que serve o fracasso da prisão... Talvez se deva procurar o que se esconde sob o aparente cinismo da instituição penal.” Também neste caso, devemos inverter o problema e perguntar para que servem as falhas da máquina de guerra – o que está escondido sob os seus objetivos aparentes.

O que descobrimos quando o fazemos não é uma cabala de líderes militares e políticos conspirando a portas fechadas. É antes o que Michel Foucault chamaria de projeto de governança. O desfile incessante de confrontos armados, grandes e pequenos, serve para sustentar uma estrutura de governança militarizada que assume diferentes formas em diferentes lugares, e é guiada por uma estrutura multinível de forças, incluindo os Estados-nação dominantes, as instituições supranacionais e setores concorrentes do capital, que ora se alinharam, ora entram em conflito.

A íntima relação entre guerra e circuitos do capital não é novidade. A logística moderna tem uma genealogia militar com raízes nos empreendimentos coloniais e no tráfico atlântico de escravos. No entanto, a atual conjuntura global caracteriza-se pela crescente imbricação da ‘geopolítica’ e da ‘geoconomia’, em meio a uma constante confecção e reconstituição de espaços de valorização e acumulação, que se cruzam com a contestada distribuição do poder político pelo planeta.

Os problemas logísticos da pandemia de Covid-19 prepararam o cenário para uma série de distúrbios militares subsequentes. Imagens de contêineres presos nos portos sinalizavam que o comércio mundial havia se tornado esclerótico. As corporações fizeram tentativas frenéticas de lidar com a crise, reconsolidando rotas antigas ou abrindo novas.

Seguiu-se a invasão da Ucrânia e as consequentes perturbações logísticas. O comércio de petróleo e gás da Rússia para a Alemanha foi uma das principais vítimas da guerra, especialmente após a espetacular sabotagem dos gasodutos Nord

a terra é redonda

Stream no Mar Báltico, renovando as conversas sobre “nearshoring” ou “friendshoring” como estratégia para afastar as economias ocidentais do fornecimento de energia de Moscou.

A guerra também estancou o fluxo de trigo, milho e oleaginosas. Os preços da energia dispararam na Europa; os alimentos básicos tornaram-se escassos na África e na América Latina. As tensões aumentaram entre a Polónia, a República Checa e a Ucrânia depois de os limites à exportação de produtos agrícolas ucranianos terem sido levantados. A economia alemã está agora estagnada, e vários outros Estados-membros da União Europeia foram forçados a reorganizar seu fornecimento de energia fechando acordos com países do norte da África.

A Rússia redirecionou suas exportações de energia para o leste, principalmente para a China e a Índia. Novas rotas comerciais – através da Geórgia, por exemplo – permitiram-lhe contornar pelo menos parcialmente as sanções ocidentais. Essa reorganização dos espaços logísticos é claramente uma das principais apostas do conflito.

3.

Também em Gaza, os arranjos logísticos e de infraestruturas são decisivos, embora muitas vezes sejam obscurecidos pelo espetáculo insuportável do massacre. Os EUA esperavam que o Corredor Econômico Índia-Oriente Médio-Europa, que se estende da Índia à Europa, passando pelos Emirados, Arábia Saudita, Jordânia, Israel e Grécia, fortalecesse sua influência econômica regional e contrabalançasse a Iniciativa Cinturão e Rota da China. No entanto, isso dependia do projeto de normalização árabe-israelense, que pode ter sido fatalmente prejudicado pela guerra em curso.

Além disso, os ataques *houthis* no Mar Vermelho obrigaram as grandes companhias de navegação a evitar o Canal de Suez e a fazer rotas mais longas e caras. Os militares dos EUA estão agora construindo um porto na costa de Gaza, supostamente para facilitar as entregas de ajuda, embora organizações palestinas afirmem que seu objetivo final é facilitar a limpeza étnica.

Os combates na Ucrânia e em Gaza exemplificam, assim, a reformulação mundial dos espaços de capital. Os principais locais de circulação estão sendo remodelados, sob um regime de guerra, através da intervenção ativa dos Estados-nação. Isso implica a mistura de lógicas políticas e econômicas: um fenômeno que é ainda mais evidente na região do “Indo-Pacífico”, onde as crescentes tensões no Mar do Sul da China e alianças militares como a AUKUS estão influenciando redes econômicas como a Parceria Transpacífica Abrangente e Progressiva.

Nesse período de transição, cada conflito ou ruptura na cadeia de suprimentos pode beneficiar este ou aquele Estado ou ator capitalista. No entanto, o sistema como um todo é assolado pela crescente fragmentação espacial e pelo surgimento de geografias imprevisíveis.

Na oposição ao regime de guerra global, os apelos ao cessar-fogo e embargos de armas são essenciais, mas o momento atual também exige uma política internacionalista coerente. O que é necessário são práticas coordenadas de deserção através das quais as pessoas possam afastar-se radicalmente do *status quo*. Quando escrevo, tal projeto é mais claramente prenunciado pelo movimento global de solidariedade à Palestina.

4.

Nos séculos XIX e XX, o internacionalismo foi muitas vezes concebido como solidariedade entre projetos nacionais. Isso às vezes é verdade hoje, como no caso da África do Sul no Conselho Internacional de Justiça. No entanto, o conceito de libertação nacional, que serviu de base para lutas anticoloniais passadas, parece cada vez mais fora de alcance.

a terra é redonda

Embora a luta pela autodeterminação palestina esteja em curso, as perspectivas de uma solução de dois Estados e de um Estado palestino soberano são cada vez mais irrealistas. Como, então, configurar um projeto de libertação sem assumir a soberania nacional como meta? O que precisa ser renovado e ampliado, valendo-se de certas tradições marxistas e panafricanistas, é uma forma não nacional de internacionalismo, capaz de enfrentar os circuitos globais do capital contemporâneo.

Internacionalismo não é cosmopolitismo, o que quer dizer que requer fundamentação material, específica e local, em vez de reivindicações abstratas de universalismo. Isso não exclui os poderes dos Estados-nação, mas os coloca em um contexto mais amplo. Um movimento de resistência adequado para a década de 2020 incluiria uma série de forças, incluindo organizações locais e municipais, estruturas nacionais e atores regionais.

As lutas de libertação curdas, por exemplo, ultrapassam as fronteiras nacionais e atravessam fronteiras sociais na Turquia, Síria, Irã e Iraque. Os movimentos indígenas nos Andes também atravessam tais divisões, enquanto as coalizões feministas na América Latina e além fornecem um poderoso modelo de internacionalismo não nacional.

A deserção, que designa uma série de práticas de fuga, tem sido uma tática privilegiada para a resistência à guerra. Não apenas os soldados, mas todos os membros de uma sociedade podem resistir simplesmente subtraindo-se do projeto de guerra. Para um combatente das forças de defesa de Israel (IDF), do Exército russo ou dos militares dos EUA, este ainda é um ato político significativo, embora na prática possa ser extremamente difícil. Este também pode ser o caso dos soldados ucranianos, embora sua posição seja muito diferente. No entanto, para aqueles presos na Faixa de Gaza, não é uma opção.

A deserção do atual regime de guerra deve, portanto, ser concebida de forma diferente dos modos tradicionais. Este regime, como já referimos, ultrapassa as fronteiras nacionais e as estruturas de governança. Na União Europeia, pode-se opor-se ao governo nacional e às suas posições jingoísticas, mas também é preciso lidar com as estruturas supranacionais do próprio bloco comercial, embora reconhecendo que mesmo a Europa como um todo não é um ator soberano nessas guerras. Nos EUA, as estruturas militares de tomada de decisão e as forças de combate também ultrapassam as fronteiras nacionais e incluem uma ampla rede de atores nacionais e não nacionais.

Como se pode desertar uma estrutura tão variegada? Gestos locais e individuais têm pouco efeito. As condições para uma práxis efetiva devem envolver a recusa coletiva organizada em circuitos internacionais. Os protestos em massa contra a invasão do Iraque pelos EUA, que ocorreram em cidades de todo o mundo em 15 de fevereiro de 2003, identificaram corretamente a formação supranacional da máquina de guerra e anunciaram a possibilidade de um novo ator internacionalista e antiguerra.

Embora não tenham conseguido parar o ataque, criaram um precedente para futuras práticas de retirada em massa. Duas décadas depois, as mobilizações contra o massacre em Gaza – surgindo nas ruas das cidades e campi universitários em todo o mundo – pressagiam a formação de uma “Palestina global”.

Um dos principais obstáculos a essa política internacionalista libertadora é o “campismo”: uma abordagem ideológica que reduz o terreno político a dois campos opostos e muitas vezes acaba afirmando que o inimigo do nosso inimigo deve ser nosso amigo. Alguns defensores da causa palestina celebrarão, ou pelo menos evitarão criticar, qualquer ator que se oponha à ocupação israelense, incluindo o Irã e seus aliados na região.

Embora este seja um impulso compreensível na atual conjuntura, quando a população de Gaza está à beira da fome e sujeita a uma violência horrível, a lógica geopolítica binária do campismo acaba levando à identificação com forças opressoras que minam a libertação. Em vez de apoiar o Irã ou seus aliados, mesmo retoricamente, um projeto internacionalista deveria, em vez disso, vincular as lutas de solidariedade à Palestina àquelas como os movimentos “mulher, vida, liberdade” que desafiaram a República Islâmica. Em suma, a luta contra o regime de guerra deve não apenas buscar interromper a atual constelação de guerras, mas também efetuar transformações sociais mais amplas.

a terra é redonda

O internacionalismo, portanto, deve emergir de baixo, à medida que os projetos de libertação local e regional encontram meios de lutar lado a lado. Mas também envolve um processo inverso. Deve ter como objetivo criar uma linguagem de libertação que possa ser reconhecida, refletida e elaborada em vários contextos: uma máquina contínua de tradução, por assim dizer, que possa reunir contextos e subjetividades heterogêneas.

Um novo internacionalismo não deve assumir ou aspirar a qualquer homogeneidade global, mas sim combinar experiências e estruturas locais e regionais radicalmente diferentes. Dada a fratura do sistema global, a ruptura de espaços estratégicos de acumulação de capital e o entrelaçamento da geopolítica e da geoeconomia – que lançaram as bases para a emergência do regime de guerra como forma privilegiada de governança – o projeto de deserção exige nada menos do que uma estratégia internacionalista para refazer o mundo.^[i]

***Michael Hardt** é professor de teoria literária e filosofia política na Duke University. Autor, entre outros livros, com Antonio Negri, de *Bem-estar comum* (Record).

***Sandro Mezzadra** é professor de teoria política na Universidade de Bolonha. Autor, entre outros livros, de *A crise da economia global* (Civilização Brasileira).

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente no site da [New Left Review \(Sidecar\)](#).

Nota

[i] Este artigo deve vários insights ao livro *The Rest and the West: Capital and Power in a Multipolar World*, de Brett Neilson e Sandro Mezzadra, publicado pela Verso.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA